

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

Trajetória do povo Terena no século XX

Sandra Cristina de Souza*

Atualmente, os povos indígenas remanescentes estão espalhados em cerca de 70 países. Mais de 150 milhões vivem na Ásia; dois terços na China e Índia. Há pelo menos 3 milhões na América do Norte e 30 milhões na América Central e do Sul.

Como observou em 1987 a Comissão Independente sobre Assuntos Humanitários Internacionais (ICHI), os povos indígenas são sempre os mais miseráveis dos miseráveis, tanto nos países desenvolvidos quanto nos mais pobres.

Considerando este quadro, estudos que tratam da história desses povos são importantes para amenizar o apagamento histórico dessas populações. Pretendemos estudar os Terena em Mato Grosso (desde 1977 dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, este último o território ocupado pelos Terena). Sua trajetória durante boa parte do século XX (das demarcações oficiais, a partir de 1904 a conscientização de suas próprias formas de luta com criação de órgãos de defesa, como a fundação da UNI (União das Nações Indígenas) em 1979, em Aquidauna, local que agrega a maior população Terena hoje existentes. Num ambiente tão hostil, quais as formas de resistência à violência em relação a sua cultura e a sua própria sobrevivência. Vivendo na fronteira entre o mundo do não-índio, como construir sua própria forma de ser e existir, num mundo em rápida mudança como o é o do século XX?

Os Terena descendem do grupo lingüístico Aruak/Txané, da Tribo Guaná, inicialmente dividida em várias sub-tribos, originários da região do Chaco, das quais algumas atravessaram o Rio Paraguai no séc. XVIII, sendo localizados pelos missionários às margens do Rio Miranda no séc. XIX.

Pretendemos analisar o processo histórico que produziu as alternativas e estratégias que permitiram a sobrevivência do povo Terena e a continuidade de sua reprodução cultural. Qual foi a trajetória deste povo, em específico, no sentido da recuperação de seu território, valorização de sua língua e afirmação étnica? Como se deu a incorporação dos mestiços para a formentação de seu crescimento demográfico? Como

* Docente do Curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e atualmente doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade de São Paulo.

aconteceu a interculturalidade entre os conceitos religiosos (transição da figura do koixomuneti para o do padre/pastor), de saúde (medicina natural para a alopática; parteira para o hospital), de linguagem (cultura oral para cultura escrita – na escola e na igreja)?

As instituições marcadamente de “fricção” entre cultura indígena e cultura não-indígena são a igreja e a escola. A igreja no período que vai do aldeamento (a partir da primeira década deste século) até os dias atuais apresentou-se nas aldeias divididas em várias “interpretações” de cristianismo: catolicismo, protestantismo tradicional e pentecostal.

As duas primeiras ramificações religiosas tiveram um projeto educacional definido: quais as suas particularidades? Qual a relação entre o ensino protestante, católico elegeo (este último oferecido pelo SPI a partir da década de 40) com o processo de recuperação demográfica e a manutenção da língua materna? Este questionamento pretendo realizar a luz dos trabalhos de pesquisa que têm sido realizados nas últimas décadas e em outros dados levantados durante a coleta de dados nos arquivos em anexo.

O Povo Terena habita os limites de Mato Grosso do Sul, atualmente suas aldeias estão situadas nos municípios de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Dourados, Anastácio, Sidrolândia e Rochedo, com uma população aproximada hoje de 23.000 indivíduos. Existe ainda uma aldeia Terena no município de Bauru, denominada Araribá, constituída por indígenas que foram levados para aquela região no período de aldeamento (primeiras décadas deste século) pelas equipes de Rondon.

Durante meados do século passado e início deste, muitas foram as formas de envolvimento entre indígenas Terena e a sociedade não-indígena.

Com o aldeamento, e a criação do SPI, os Terena passam a ter uma assistência efetiva por um órgão governamental.

A partir de 1912 inicia-se o trabalho das missões protestantes com a visão de alcançar este povo através da escolarização. Em 1936, o SPI inicia suas atividades escolares na aldeia Bananal, que hoje pertence a Aquidauana, onde controlam uma escola, ensinando em português. Como estas instituições atuaram no sentido de *integrar* o Terena, e qual a leitura que este povo fez de sua atuação, no sentido de transmutá-la em benefício de sua sobrevivência cultural, alheia aos seus objetivos integracionistas/proselitistas? Pretendemos discutir estas questões.

Através deste trabalho pretendo demonstrar que apesar de toda a espoliação e preconceito sofridos pelos indígenas e particularmente os Terena, já em contato bastante acentuado com a comunidade não-indígena, ainda conseguem manter uma identidade Terena,

ou seja o “sou-índio-Terena”, ainda que em algumas aldeias, existam poucos falantes da língua materna.

Mostrar também através da análise de sua História durante parte do século XX, do aldeamento até o surgimento da UNI, quais os mecanismos que o povo Terena construir para desenvolver em sua memória coletiva a prioridade de sobrevivência cultural, mesmo utilizando as armas do outro-dominador (religião, política, educação-formal, medicina alopática).

A análise de documentos das várias missões que trabalharam com os Terena e documentos do próprio SPI, poderão nos mostrar como seus projetos e ações contribuíram para a construção de mecanismos de sobrevivência por parte dos próprios Terena.

As fontes orais, com indígenas, demonstrarão como o povo Terena sentiu em seu cotidiano as ações do Estado não-indígena, atuando tanto legislativamente, como através das missões religiosas. A escolha dos depoentes obedecerá requisitos que posteriormente serão afixados, de acordo com o avanço das pesquisas documentais escritas.

A coleta de dados documentais escritos se dará em arquivos e bibliotecas públicos e particulares, inicialmente no Arquivo do Museu Nacional, Arquivo Estadual de Mato Grosso e Arquivo Estadual de São Paulo. Serão analisados também periódicos e jornais, bem como trabalhos etnográficos sobre o povo Terena.

Posteriormente se fará a classificação dos dados obtidos com base na pertinência ao tema e relevância a condução da pesquisa.

A análise dos dados será feita com base em uma leitura detalhada e reflexiva sobre os mesmos.

A adequação da utilização das fontes orais para a pesquisa que ora busco realizar é bastante eficaz, já que trabalhando com um grupo não-hegemônico como o são os Terena, este tipo de fonte pode me dar conta das “*mil maneiras de burlar a ordem vigente*”¹,

Trabalhar com história oral na pesquisa sobre a História do Povo Terena é de fundamental importância (ainda que não suficiente, enquanto evidências únicas) para “equilibrar a distorção implícita” em outras fontes documentais, já citada anteriormente, sobre a sua relação com o mundo não-indígena.

A decisão de utilizar as fontes orais partiu do princípio de sua adequação ao objeto desta pesquisa, a Tribo Terena, com uma cultura baseada na oralidade, e cuja história ainda está por ser escrita, como diz Alessandro Portelli: “*o testemunho oral gera novas*

1

Certau, Michel, *Op. Cit.*

*histórias, e a criação de novas histórias, por sua vez, pode literalmente, contribuir para o processo de dar voz a experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos das narrativas históricas anteriores, ou foram marginalizados*²

Pretendemos conhecer melhor os motivos fixados na memória coletiva para “simular” estas transformações afim de “conhecer” o outro (não-índio), e assim burlar o “integracionismo”, objetivo dos órgãos indigenistas, com duplo objetivo: diminuir a discriminação e sobreviver enquanto etnia. Sobre esta simulação Darci Ribeiro no prefácio da obra “Do Índio ao Bugre” de Roberto Cardoso de Oliveira, observa:

“O difícil é identificá-los como índios, uma vez que se vestem, se penteiam, trabalham e vivem como os sertanejos pobres da região. (...) Índios assim, tão pouco indígenas, fogem ao interesse do etnólogo clássico, interessado precisamente naqueles grupos intocados que melhor conservam as singularidade da cultura tradicional. (...) Todavia, eles oferecem um interesse científico igual, senão maior que as tribos isoladas, porque somente seu estudo nos poderá levar a uma compreensão melhor do processo pelo qual povos tribais se integram em sociedades nacionais e como e por que resistem, como no caso Terena, a fundirem-se na população regional. (...) Recomendam-se, ainda, os estudos de grupos em grau avançado de integração pela contribuição que podem dar no tratamento de problemas de sobrevivência da populações tribais.”

Segundo Leonardi, não foram poucos os autores que se detiveram sobre o tema “índio” sob a ótica de sua extinção. Esta tese da inevitabilidade da extinção dos povos indígenas esteve como pano de fundo de muitas análises sobre o tema. Como podemos perceber pela análise de um observador da comunidade Terena em 1863, Moreira Neto, que mostra um quadro bastante pessimista em relação a continuidade da existência da comunidade indígena Terena:

“... Não há muito o que se esperar dos índios. As diversas tribos de Guanás³ que habitam os distritos de Miranda e Albuquerque já nos prestam valiosos serviços e vivendo, como vivem, entre nós, é de presumir-se que as novas gerações serão mais restáveis e não tardarão fundir-se nas massas da população...”⁴

²PORTELLI, Alessandro, Op. Cit.

³ Como apontado anteriormente, os Terena descendem do grupo lingüístico Aruak/Txané, da Tribo Guaná, inicialmente dividida em várias sub-tribos, originários da região do Chaco, nas proximidade do Rio Paraguai.

⁴ASSIS, Edgar Carvalho - Op. Cit. pág. 43

Para Carmem Junqueira a questão de não se valorizar a história dos povos indígenas está intimamente ligada à ênfase da etnologia as “*análises sincrônicas, conjugada à seleção de dados que reforçam à visão da sociedade como estrutura estável [que] impediu o registro acumulado desses acontecimentos, por vezes ambíguos que apontavam para a mudança.*”⁵ Dessa forma, os estudiosos da questão indígena concluíram “*erroneamente que as sociedades indígenas estavam fora da História, perdendo-se o tecer de sua história.*”⁶

Através da coleta e análise dos dados encontrados em arquivos públicos e particulares e seu cotejamento com entrevistas de indígenas pretendemos conhecer, ainda que parcialmente, a memória construída sobre o processo de convivência interétnica da população Terena com a não-indígena, buscando nela os processos historicamente construídos para a viabilidade de sua sobrevivência, num ambiente altamente discriminatório.

⁵ Junqueira, Carmem – “Mito e História” In: Seki, Lucy (org.) – *Linguística Indígena e Educação na América Latina*,

⁶ idem